

Dois que valem apenas um

Meira Filho e Lindberg Aziz Cury, se estivessem em chapas diferentes, talvez conseguissem se eleger (os dois), para o Senado. Mas isso nunca poderá acontecer, porque os dois, no regime de sublegenda, somam os votos como se fossem apenas um candidato. E por que o partido não tentou escapar desse dilema em tempo hábil?

O PMDB se deparou com dois grandes obstáculos para evitar que os dois nomes mais cotados na sua chapa de candidatos ao Senado Federal ficassem em confronto direto, no qual um dos dois, por mais votos que venha a ter, vai acabar forçosamente eliminado pela eleição do outro.

O primeiro obstáculo, segundo dirigentes do partido, consistiu num problema de ordem legal. Caso fosse aprovada a tese do remanejamento de nomes para a vaga deixada pela cassação de Múcio Ataíde, Meira Filho ou Lindberg Cury teria que renunciar e depois tentar junto ao Tribunal Regional Eleitoral sua nova inscrição como companheiro de chapa de Maerle Ferreira Lima.

O Departamento Jurídico do partido logo pôs em dúvida se o TRE que até então se mostrava excessivamente rígido em suas interpretações da legislação eleitoral aceitaria tal composição. A outra dúvida consistia em se definir qual dos dois candidatos aceitaria correr tal risco.

O outro obstáculo, de ordem política, consistiu simplesmente na posição tomada por Maerle Ferreira Lima de não aceitar como candidato de chapa nenhum dos candidatos já registrados pelo partido.



candidato a senador Meira Filho (PMDB) recebeu sem surpresa o resultado da

pesquisa que lhe dá 15,2 por cento das preferências do eleitorado, afirmando que sua permanência no primeiro lugar lhe dá "mais ânimo para levar à Constituinte os legítimos anseios da população do Distrito Federal". Para ele, as preferências do eleitorado pelos candidatos do PMDB são uma indicação de que o partido se firmou como avalista do processo de redemocratização do País.

